

condão que elas teem o poder de transformar tudo e de se transformarem a si.

Os prestidigitadores ainda hoje usam uma *varinha de condão*, por cuja virtude pretendem fazer aparecer e desaparecer objectos aos olhos maravilhados dos espectadores.

É vulgar dizer-se que uma pessoa *tem o condão de fazer tal ou qual coisa*, dando-se a *condão* o significado de «dom, prerogativa» e, às vezes, o de «poder sobrenatural, prodigioso, inexplicável».

CXXIII

**Tirar a castanha [ou a sardinha] do fogo [ou do lume]
com a mão do gato**

OU: a) Tirar as castanhas do borralho com a mão do gato;
b) Tirar a castanha [ou a sardinha] com a mão do gato

Tratar de obter um resultado ou um proveito, sorrateiramente, servindo-se de uma terceira pessoa, e pondo-a em risco ou causando-lhe incómodo.

Na fábula de La Fontaine, *Le singe et le chat* (liv. ix, fáb. 17), o macaco, lisonjeando astutamente a habilidade e a ligeireza do gato, incita-o a furtar as castanhas que estão a assar na lareira.

O gato, assim lisonjeado, escalda-se ao afastar a cinza, e, sacudindo as patas, lá vai conforme pode tirando das brazas as castanhas, que o macaco só tem o trabalho de trincar.

O *Alm. Hachette*, de 1907, tratando, a pág. 305, da origem da locução *tirer les marrons du feu*, transcreve um pequeno trecho da referida fábula, e acrescenta: «Cette fable n'est pas de l'invention de La Fontaine. On la trouve avant lui, sous des formes diverses, dans Simon Maioli, Noël du Fail, Le Noble, Benserade. Le conte de Simon Maioli est particulièrement savoureux en ceci qu'il donne à la petite scène une apparence historique. Selon lui, un soir, les camériers du pape Jules II mirent des marrons au feu avant d'aller coucher son maître. Ils laissaient derrière eux un singe et un chat qui se chauffaient. Le singe empoigna le chat et se servit de sa patte comme des pincettes pour tirer les marrons

des cendres brûlantes. Aux miaulements furieux du chat, les camériers accoururent... et mangèrent les marrons ».

Efectivamente La Fontaine viveu no século XVII, e já no século anterior o nosso Jorge Ferreira de Vasconcelos, a pág. 111 da *Eufrosina* ⁽¹⁾, empregara a locução *tirar a castanha do borralho com a mão do gato*, porventura extraída de algum conto ou fábula dêle conhecida.

Franc.: *Tirer les marrons du feu avec la patte du chat*.

Hesp.: *Sacar el ascua con la mano del gato* [ou con mano ajena].

Ingl.: *To take the nuts from the fire with the dog's foot* ⁽²⁾.

Ital.: (séc. XVIII) *Cavar la castagna colla zampa altrui*.

CXXIV

Tirar carta de seguro

Acautelar-se, precaver-se contra um mal que se receia.

Pereira e Sousa, nas suas *Primeiras linhas sobre o processo criminal* (Lisboa, 1827), p. 73, define: «Seguro he a promessa judicial pela qual o Réo, debaixo de certas condições se exime da prisão até à conclusão da causa».

Este seguro era, nos seus efeitos, pouco mais ou menos o mesmo que é hoje a fiança judicial, e dêle se passava carta ao réu, para sua salvaguarda. (V. *Ord. Filip.*, liv. 5.º, tit. 130).

Não é, porém, a tais *cartas de seguro* que alude a locução, como alguns supõem e já li algures (creio que n-*O Elvense*, em artigo de A. Tomás Pires), mas sim às *cartas de segurança real* de que tratam as citadas *Ord.*, liv. 3.º, tit. 78, § 5.º, e liv. 5.º, tit. 128, as quais eram concedidas pelos Juizes das Terras, não aos criminosos, mas — como diz Pereira e Sousa a pág. 74 da citada obra — «aos innocentes que temem com justa causa ser inquietados por outros, e buscão o abrigo da

⁽¹⁾ Ed. de Lisboa, 1616.

⁽²⁾ Vem na *Faune populaire de la France*, de Eugène Rolland (Paris, 1877), IV, p. 120, onde também se regista a forma hespanhola: *Con ajena mano sacar la culebra del horado*.